

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, PROFISSÃO DOCENTE E FORMAÇÃO: PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS

PERRENOUD, Philippe. Lisboa, Portugal:

Dom Quixote, 1993. 205p.

Andrea Camara CARRER*

Em todo o mundo, diante do processo acelerado da revolução tecnológica, a *educação básica de boa qualidade* vem sendo reconhecida como imprescindível para a formação do homem do terceiro milênio; tanto mais no caso de países como o nosso, que para além da necessidade de modernização do processo de produção, exige uma urgente modernização das estruturas sociais, econômicas e políticas.

Sem dúvida hoje, mais do que nunca, o conhecimento é um dos principais pilares para a equidade social e a sua democratização é condição fundamental para unir modernização e desenvolvimento humano. Do contrário, quanto mais avançam os efeitos dessa revolução tecnológica, mais aumenta a desigualdade social. Atualmente no Brasil, enquanto alguns dispõem de *bancos de dados* sofisticados que lhes possibilitam o acesso ao conhecimento produzido no mundo inteiro, em curto espaço de tempo, a maioria dos brasileiros não conseguiu completar o 1º grau, e outros nem sequer puderam se alfabetizar.

Por isso, em todo o mundo, apesar das diferentes perspectivas, surgem idéias sobre a redescoberta da importância da escola. Apesar de sabermos que formar esse homem do terceiro milênio não é tarefa apenas sua, a escola ainda é *um dos espaços privilegiados de trabalho com o conhecimento*.

* Aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP. Área de Didática. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas/FEUSP sobre Formação de Professores e do Fórum Estadual Paulista sobre Formação de Educadores para as Séries Iniciais do 1º Grau.

Sua função social, neste contexto, é democratizar o acesso aos conhecimentos socialmente produzidos, instrumentalizando os indivíduos para um exercício qualificado da cidadania. E mais do que isso, como diria Florestan Fernandes¹, é possibilitar "a auto-emancipação coletiva dos homens". Assim, é preciso que a escola esteja comprometida com a aprendizagem *de todos os alunos*, possibilitando-lhes a apropriação e produção de conhecimentos, e uma maior e melhor participação na vida social, econômica e política do país. Contudo, no caso do Brasil, a escola pública, nas três últimas décadas, tem sido a ponta de um *iceberg* onde acontece o que Cortella² chama de *um verdadeiro apartheid social*, colocando para fora dela um enorme contingente da população, especialmente das camadas populares.

Nessa perspectiva, é impossível desconsiderar que a atuação docente é, ao mesmo tempo, causa e efeito dessa realidade escolar. Por si só, a atuação docente não é capaz de produzir mudanças significativas nos sistemas educacionais, mas com certeza é um dos componentes importantes para que essa mudança ocorra.

Assim, a formação de professores e a prática docente, não apenas no Brasil, mas no mundo todo, têm se apresentado, dentre outras, como uma questão importante a ser enfrentada no caminho da reconstrução da escola, visando à superação do fracasso escolar.

É nesse contexto que se insere a relevância do trabalho de Philippe Perrenoud - sociólogo, professor da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genève. Apesar de alguns de seus trabalhos só terem sido divulgados recentemente no Brasil, é um dos autores que tem marcado a sociologia da educação, em língua francesa, desde a década de 70.

Os dez textos que constituem a obra *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas* dedicam-se, de forma recorrente, mas de diversos ângulos, a essas três principais temáticas que intitulam o livro. As diferentes abordagens que faz dos temas, permite ao longo da obra, o aparecimento de novas noções e categorias de análise sobre a mesma temática.

1. FERNANDES, Florestan. O desafio educacional. São Paulo: Cortez, 1989.

2. Comunicação do Professor Mário Sérgio Cortella no Ciclo de Conferências sobre Educação da APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), em maio de 1995, transmitida em TV.

Perrenoud aborda a questão da profissionalização docente como um “centro estratégico” para a mudança das práticas escolares. E procura identificar alguns instrumentos conceituais para pensar as práticas a partir de três eixos principais: 1. a prática entre a rotina e a improvisação; 2. a transposição didática entre a epistemologia e o bricolage³; 3. o tratamento das diferenças entre a indiferença e a diferenciação.

O autor se detém nos aspectos da prática pedagógica menos localizáveis numa parte definida do currículo, ou num momento determinado da ação pedagógica, a que denomina de aspectos transversais, quando “a realidade da prática e dos seus efeitos encarna-se, simultaneamente, no tipo de organização da sala de aula e do trabalho escolar e nas múltiplas microdecisões que determinam o seu funcionamento.” (p.41).

Para o autor, a prática pedagógica é facilmente apresentada como sendo mais consciente e racional do que o é na realidade, o que leva os formadores a não terem nenhuma compreensão real sobre o que determina uma boa parte dos atos profissionais.

A ação pedagógica é, em parte, uma ação espontânea improvisada ou, pelo contrário, uma ação baseada em rotinas não pensadas à força de serem interiorizadas. O professor enfrenta situações (não habituais ou familiares) a partir do conjunto de esquemas mais ou menos conscientes de que dispõe, agindo segundo o seu “*habitus*”⁴ - esquemas de ação, mas também de percepção, de avaliação e de pensamento.

Para Perrenoud, a prática não é uma mera concretização de receitas, modelos didáticos ou esquemas conscientes de ação. O que, segundo o autor, deveria fazer com que a formação prestasse “mais atenção ao *habitus* do professor do que ao seu repertório de técnicas e esquemas explícitos de ações” (p.41).

3. Para tratar da questão do trabalho de planejamento do professor, Perrenoud lança mão da imagem do *bricolage* desenvolvida por Lévi-Strauss em *La pensée sauvage*. Segundo Lévi-Strauss, “o *bricoleur* está preparado para executar um grande número de tarefas diversificadas; (...) e o seu universo instrumental é fechado e a regra do seu jogo é a de se desvencilhar sempre com o que está à mão, isto é, com um conjunto a cada instante finito de utensílios e de materiais, porque a composição do conjunto (...) é o resultado contingente de todas as ocasiões que se apresentaram para renovar ou enriquecer o *stock*” (Lévi-Strauss, 1962, p.27).

4. A noção de *habitus* que utiliza, é a formulada por Bourdieu, que “permite articular consciência e inconsciência, razão e outras motivações, decisões e rotinas, improvisação e regularidades” (p.24). Para Perrenoud, é o *habitus* a “gramática geradora da prática”.

Chamando a atenção para o fato de que os movimentos pedagógicos inovadores e as ciências da educação tendem a subestimar a razão prática - o *habitus* - que determina a prática pedagógica, afirma que a lógica que permeia as reformas educativas, e em especial a formação de professores, concebe que tudo pode ser dominado quando se é um bom profissional, não admitindo que o acaso e a intuição desempenhem um papel em grande parte dos êxitos e dos fracassos.

Assim, se a produção dos modelos pedagógicos integrasse "com menor preconceito a parte do inconsciente, da improvisação, da autonomia, da diferença, da negociação com o outro, das apostas pessoais confessadas ou não, as formações seriam menos ingênuas". (p.31).

Contudo, segundo Perrenoud, para que haja reorganização de esquemas é necessário que ocorra um conflito cognitivo, uma contradição entre as decisões tomadas e uma norma, uma teoria ou uma outra experiência. A mudança das práticas passa por uma transformação do *habitus*, mas também pela disponibilização de modelos de ação, resultando mais da modificação de constrangimentos e de possibilidades objetivas do que da difusão de idéias ou de métodos.

É qual seria, então, o papel da investigação pedagógica? Segundo o autor, para que os resultados da investigação em educação possam incidir nas práticas, é preciso compreender bem em que condições e com que tipo de racionalidade os professores levam a cabo o seu trabalho e, a partir daí, elaborar uma teoria mais realista da prática, mais descritiva e menos prescritiva, incidindo tanto no trabalho na aula como naquilo que acontece à margem dela.

Perrenoud discute também certos aspectos do trabalho docente, muitas vezes desprezado pela investigação pedagógica, como a utilização do tempo dos professores, a organização do trabalho pedagógico, a gestão das prioridades entre várias tarefas e as solicitações dos alunos, dos pais e dos colegas. E pergunta-se: será possível nos prevenirmos contra a dispersão através da organização e da adoção de rotinas? podemos considerar que o modelo de racionalidade existente nas várias profissões é diferente? a dispersão pode ser, em certas profissões, um valor positivo mais do que um mal necessário?

É a partir dessas discussões sobre a prática docente que o autor entra no debate mais atual: será que podemos mudar as práticas ao mudar a formação?

Para Perrenoud, o problema fundamental é a relação teoria-prática que está na base do currículo da formação de professores e que, na verdade, o currículo implícito

ou escondido dessa formação tem sido muito mais o "façam o que eu digo, não façam o que eu faço" (p.113). E dessa maneira, como vem sendo realizada, a formação pouco ou nada tem contribuído para que o professor lide melhor com as questões da sala de aula, levando-o, inclusive, a deixar de lado todas as ilusões e ambições e, possivelmente, não acreditar mais tarde, na formação continuada.

Perrenoud utiliza a idéia de *bricoleur* para se referir ao professor como aquele "que cria, que utiliza materiais que nem sempre foram previstos para essa utilização, recupera, desvia, adapta um objeto a uma nova finalidade" (p.110), e pergunta: que formação é necessária para esta dimensão da prática? Segundo o autor "escolher e adaptar recursos não resulta sem uma competência que alguns desenvolvem de ano para ano, à medida que vão adquirindo experiência, mas que poderia ser construída durante a formação inicial" (p.110).

Assim podemos perguntar: poderá a formação de professores construir o seu *habitus*? Poderá ter influência sobre o que está na base das decisões numa situação de urgência, sobre o que inspira a improvisação? Como?

Numa "profissão complexa" como a profissão docente, a formação não pode orientar-se, senão, pela aquisição e construção de competências. Mas o essencial, segundo Perrenoud, é conceber tais competências como componentes do *processo de profissionalização da atividade docente*. Utiliza o conceito de "profissionalização" como sendo "a capacidade para compreender e neutralizar as causas dos insucessos e, conseqüentemente, para tratar das diferenças sem as transformar constantemente em desigualdades" (p.143). O que justificaria socialmente, segundo o autor, a existência de uma profissão como a de professor é a capacidade de levar *todos os alunos* a aprenderem.

No último artigo da obra, Perrenoud retoma e enfatiza a idéia central de toda a sua análise, de que é preciso pensar a prática pedagógica para pensar a formação dos professores. E pensar a prática, segundo o autor "não é somente pensar a ação pedagógica na sala de aula nem mesmo a colaboração didática com os colegas. É pensar a profissão, a carreira, as relações de trabalho e de poder nas organizações escolares, a parte de autonomia e de responsabilidade conferida aos professores, individual ou coletivamente" (p.200).

Admirável pela capacidade de comunicar com simplicidade reflexões e pensamentos complexos, Perrenoud tem muito a nos ensinar e a nos fazer enxergar a necessidade de modificarmos também o *habitus* do pesquisador em educa-

ção que, segundo o autor, deveria ser o de “investir, não apenas na concepção geral (do ensino), mas na *realização* com professores, metodólogos e editores de materiais (...) e na elaboração de uma teoria mais realista da prática, mais descritiva e menos prescritiva, incidindo tanto no trabalho da aula como naquilo que acontece à margem dela” (p.50). Dessa forma, a investigação científica no campo da educação poderia melhor contribuir para o trabalho daquele que é o nosso principal interlocutor - o professor.

*(Recebido para publicação em 20.08.96
e liberado em 25.11.96)*